



**SECRETARIA DE ESTADO DE DEFESA CIVIL
CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
ACADEMIA DE BOMBEIRO MILITAR DOM PEDRO II
CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS**



**Juliana Ramos Pereira – Cad BM QAL/19
Filipe do Espírito Santo de Araújo – Cad BM QAL/19**

**PRIMEIRA RESPOSTA EM DESASTRES: ESTUDO SOBRE A
CAPACITAÇÃO DO 16º GBM E DO GOCG NOS ANOS DE 2019 E 2020**



Rio de Janeiro

2022

Juliana Ramos Pereira – Cad BM QAL/19
Filipe do Espírito Santo de Araújo – Cad BM QAL/19

Primeira resposta em desastres: estudo sobre a capacitação do 16º GBM e do GOCCG nos anos de 2019 e 2020

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência da disciplina de Metodologia da Pesquisa III do Curso de Formação de Oficiais da Academia de Bombeiro Militar Dom Pedro II.

95

Rio de Janeiro

2022

Juliana Ramos Pereira — Cad BM QAL/19
Filipe do Espírito Santo de Araújo — Cad BM QAL/19

**PRIMEIRA RESPOSTA EM DESASTRES: ESTUDO SOBRE A
CAPACITAÇÃO DO 16º GBM E DO GOCG NOS ANOS DE 2019 E 2020**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para a conclusão do Curso de
Formação de Oficiais da Academia de Bombeiro Militar
D. Pedro II.

Aprovado em: _____ de _____ de 2022

Douglas Henaut – Ten CelQOC/00
Comandante da ABMDP II

Banca Examinadora

Professor / Instrutor

Chefe da SPD

Chefe da DivEns

Chefe da DivAl

Subcomandante da ABMDP II

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABMDP II	Academia de Bombeiro Militar Dom Pedro II
AE	Atividade Especializada
BM	Bombeiro Militar
BREC	Busca e Resgate em Estruturas Colapsadas
BREI	Busca e Resgate em Enxurradas e Inundações
BRESOT	Busca e Resgate em Soterramentos
CBMERJ	Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro
CBMES	Corpo de Bombeiros Militar do Espírito Santo
CBMMG	Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais
CFO	Curso de Formação de Oficiais
COBRADE	Codificação Brasileira de Desastre
COSD	Curso de Operações de Salvamento em Desastre
CST	Curso de Salvamento Terrestre
DGEI	Diretoria Geral de Ensino e Instrução
DI	Diretoria de Instrução
GBM	Grupamento de Bombeiro Militar
GBS	Grupamento de Busca e Salvamento
GOCG	Grupamento Operacional do Comando Geral
INSARAG	<i>International Search and Rescue Advisory Group</i>
NPCI	Normas para Planejamento e Conduta da Instrução
OBM	Organização de Bombeiro Militar
POP	Procedimento Operacional Padrão
PQO	Programa de Qualificação Operacional
QTM	Quadro de Trabalho Mensal
SCCO	Sistema de Comando e Controle Operacional
SCI	Sistema de Comando de Incidente
SEDEC	Secretaria Estadual de Defesa Civil
SENASP	Secretaria Nacional de Segurança Pública
SUOP	Superintendência Operacional da Defesa Civil do Estado do Rio de Janeiro
TOD	Treinamento Operacional Diário
USAR	<i>Urban Search and Rescue</i>

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Eterno, que nos deu forças, saúde e fez tudo contribuir para o nosso bem.

Aos nossos pais, por não nos deixar esmorecer e nos guiar até aqui.

Aos nossos irmãos pelo incentivo na trajetória.

À Professora Doutora Adriane Araújo que nos instruiu e tornou possível a realização desse estudo.

Enfim, agradecemos a todos que participaram das entrevistas, pela colaboração no processo de obtenção desses dados.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
3 METODOLOGIA	11
3.1 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS	13
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
4.1 PRIMEIRA RESPOSTA EM DESASTRES.....	18
4.1.1 Análise das Respostas dos Entrevistados.....	20
4.2 CAPACITAÇÃO DE PRIMEIRA RESPOSTA EM EVENTOS DE DESASTRE NO CBMERJ.....	20
4.3 CONSEQUÊNCIAS DA CAPACITAÇÃO DE PRIMEIRA RESPOSTA EM DESASTRES DAS GUARNIÇÕES DO CBMERJ.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

Primeira resposta em desastres: estudo sobre a capacitação do 16º GBM e do GOCC nos anos de 2019 e 2020

Juliana Ramos Pereira – Cad BM QAL/19

Filipe do Espírito Santo de Araújo – Cad BM QAL/19

Orientador: Igor **Geraldo Rodrigues** – 1 Tem BM QOC/16

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral investigar a relevância da capacitação em desastre para atendimento inicial das tropas do 16º GBM e do GOCC. Devido a recorrência desse tipo de evento e a competência do Corpo de Bombeiros na atuação, as condutas de primeira resposta serão avaliadas nesta pesquisa. A questão principal que norteou esse estudo é a seguinte: “Qual a relevância das guarnições receberem uma capacitação quanto aos procedimentos adotados numa resposta inicial em eventos caracterizados como desastres?”. A metodologia escolhida para esse trabalho foi a pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica e análise de entrevistas semiestruturada e aberta. Os principais resultados deste trabalho foram a relevância da capacitação para o gerenciamento dos recursos, tempo resposta, sobrevivência das vítimas e integridade da tropa. Além disso, o contexto apresentado sobre o conhecimento da tropa acerca dos procedimentos requer aprimoramento pela falta de instrução específica sobre o tema. Acredita-se que este trabalho possa cooperar com novas pesquisas que se debruçam sobre a análise implícita da capacitação de guarnições de bombeiros militares que atuam na primeira resposta de desastre que possuem como característica a busca e resgate em estrutura colapsada, inundações e soterramento.

Palavras-chave: capacitação; primeira resposta; desastre; bombeiros

ABSTRACT

This work has the general objective of investigating the relevance of disaster training for initial assistance to troops from the 16th GBM and the GOCC. Due to the recurrence of this type of event and the competence of the Fire Department in action, the first response conducts will be evaluated in this research. The main question that guided this study is the following: "What is the relevance of the garrisons receiving training regarding the procedures adopted in an initial response in events characterized as disasters?". The methodology chosen for this work was qualitative research of a bibliographic nature and analysis of semi-structured and open interviews. The main results of this work were the relevance of training for resource management, response time, victim survival and troop integrity. In addition, the context presented on the troop's knowledge about the procedures requires an improvement due to the lack of specific instruction on the subject. It is believed that this work can cooperate with new research that focuses on the implicit analysis of the training of military firefighters who work in the first disaster response that have the characteristic of search and rescue in a collapsed structure, floods and burial.

Keywords: training; first reply; disaster; firefighter

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, houve o crescimento urbano desordenado no estado do Rio de Janeiro. Com isso, inúmeras construções em locais irregulares foram realizadas, muitas feitas com inconformidade estrutural, além da falta de saneamento básico e a baixa capacidade de escoamento das águas da chuva. Alinhado a isso, o estado possui um dos maiores números de desastres naturais, podendo ser de origem geológica, hidrológica ou climática.

Diversos são os eventos caracterizados como desastres, como por exemplo: tragédia do Morro do Bumba em 2010, tragédia da Região Serrana em 2011, desabamento em Muzema em 2019, deslizamento em Petrópolis em 2022, entre outros. Esses eventos tiveram como marca a intervenção do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro (CBMERJ), atuando no socorro às vítimas, onde as guarnições de serviço atuaram em primeira resposta.

Nessa conjuntura de desastres e a atuação do CBMERJ, emerge o objeto desse estudo, que é a capacitação para atuação em eventos de desastre, sobretudo as ações de primeira resposta. Sendo assim, a motivação encontra-se na compreensão da importância da capacidade das tropas de atuarem nessas ocorrências.

As tragédias relacionadas a desastre implicaram em estudo de diversos Corpos de Bombeiros, sendo confeccionados materiais que validaram os argumentos teóricos, como os manuais do Rio de Janeiro (no prelo), de Minas Gerais, Goiás, São Paulo e do Distrito Federal. artigos científicos como o do Capitão Bombeiro Militar do estado de Minas Gerais Leonard de Castro Farah. Além de estudos realizados pelo governo federal que originaram as normas da Defesa Civil. Esses materiais analisam as técnicas que devem ser aplicadas para o atendimento nesses eventos, como devem ser gerenciados, realizam críticas sobre eventos passados e normatizam as ações desde a capacitação até a atuação.

Com o cenário constituído nesses eventos e a obrigação do Corpo de Bombeiros de atuar, demonstrou-se a necessidade de estudar a capacidade das guarnições, levando a um diagnóstico desse cenário, uma vez que, fatores como tempo resposta e a aplicabilidade da conduta padronizada aumentam a probabilidade de resgate. Com isso, o resultado do panorama apresentado sobre o nível de capacitação das guarnições pode embasar um novo estudo sobre a reformulação do treinamento e instrução na matéria.

A hipótese formulada para o artigo é que com a capacitação, os conhecimentos sejam disseminados e por consequência os erros sejam mitigados, gerando uma maior eficiência no atendimento, visando seu gerenciamento, sobrevivência das vítimas e segurança da tropa.

O presente estudo possui delimitação no 16º Grupamento de Bombeiro Militar (GBM) localizado em Teresópolis, município do estado do Rio de Janeiro e no Grupamento Operacional do Comando Geral (GOCG) localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro. Esses locais têm importância, o primeiro, devido a sua topografia e incidência de desastres naturais, e o segundo por atuar como apoio operacional nos desastres do estado.

Os sujeitos da pesquisa são as guarnições de socorro do 16º GBM e do GOCG, ou seja, aqueles que concorrem a escala de serviço e atuam como primeira resposta. E também fazem parte do sujeito da pesquisa dois especialistas, um na área operacional e outro na área de gestão de Defesa Civil. Isto é, são aqueles que refletem o contexto do CBMERJ.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica que fundamentou a teoria para investigação e as entrevistas semiestruturada e aberta para análise do contexto do objeto estudado, adequada para cada sujeito deste artigo.

A questão principal a ser explanada é: “Qual a relevância das guarnições receberem uma capacitação quanto aos procedimentos adotados numa resposta inicial em eventos caracterizados como desastres?”.

O presente estudo possui questionamentos secundários a serem respondidos, são eles: “Quais são os procedimentos adotados como primeira resposta em um evento de desastre?”, “Como os militares são capacitados para atuar em primeira resposta num evento caracterizado como desastre?” e “Quais são as consequências da capacitação que as guarnições possuem atualmente, diante do cenário encontrado nos eventos de desastre nos quais já atuaram?”.

O objetivo geral da pesquisa é investigar a relevância da capacitação em desastre para atendimento inicial das tropas do 16º GBM e do GOCG. A fim de alcançá-lo, os seguintes objetivos específicos serão realizados: analisar os manuais e os procedimentos operacionais padrões (POP), analisar os programas de qualificação operacional (PQO) e o treinamento operacional diário (TOD) no 16º GBM e no GOCG e por fim, investigar eventos anteriores de desastre através de entrevistas aplicadas nos quartéis citados e com especialistas da área.

Este artigo apresentará ainda mais três seções, uma com os métodos e procedimentos para elaboração deste artigo; e a outra com o resultados e discussões sobre o tema estudado, contendo três subseções: a primeira subseção apresenta uma análise dos estudos selecionados sobre o objeto, discutindo com o contexto exposto pelas entrevistas; a segunda subseção será explicado como os militares são capacitados com base nas normas de ensino do CBMERJ; terceira subseção terá como tema as consequências que o nível de capacitação que a tropa possui diante da atuação no evento de desastre; e as considerações finais são apresentadas na última seção.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diversas podem ser as definições encontradas acerca do termo desastre, sendo assim, é fundamental que se entenda a definição para que seja possível reconhecê-lo. O Decreto nº 10.593/20, em seu artigo 2º, inciso VII, conceitua desastre como o “resultado de evento adverso decorrente de ação natural ou antrópica sobre cenário vulnerável que cause danos humanos, materiais ou ambientais e prejuízos econômicos e sociais;”. Ou seja, o termo desastre possui diferentes abordagens, devido a extensa classificação, podendo ser confundido pela sua origem, intensidade e evolução, além de poder ser consultado no Codificação Brasileira de Desastre (COBRADE).

A recorrência de eventos de desastre demonstra que a atuação de bombeiros é frequente. De acordo com a Constituição Federal no art. 144 § 5º: “aos corpos de bombeiros militares, além das atribuições definidas em lei, incumbe a execução de atividades de defesa civil”. Isto é, possui como atribuição a atividade de defesa civil, que consiste no conjunto de ações de prevenção, mitigação, preparação, resposta e recuperação, dentro da estrutura organizacional do estado.

Ao Corpo de Bombeiro destina-se a responsabilidade da ação de resposta de forma imediata ao desastre, por definição do Decreto nº 10.593/20: “ações de resposta - medidas de caráter emergencial, executadas durante ou após a ocorrência do desastre, destinadas a socorrer e assistir a população atingida e restabelecer os serviços essenciais”. Assim, a resposta engloba o socorro, assistência às vítimas e o restabelecimento dos serviços essenciais, sendo a atuação direta das guarnições, o socorro às vítimas.

Desse modo, o CBMERJ divide a resposta em desastre em três vertentes para atuação, sendo eles: Busca e Resgate em Estruturas Colapsadas (BREC), Busca e Resgate em Soterramentos (BRESOT) e Busca e Resgate em Enxurradas e Inundações (BREI). O BREC se dá quando estruturas destinadas à ocupação humana venham, devido a fenômenos diversos, sofrer danos em seus elementos de sustentação. Contudo, o evento de BRESOT é caracterizado pelo movimento de massa do solo, que encobre uma vítima. E os eventos de BREI, se caracterizam pela inundação que ocorre pela presença de água em áreas normalmente secas, e pela enxurrada, caracterizada pela energia cinética que a água adquire.

A natureza súbita de alguns desastres exige resposta imediata, com isso, as guarnições de serviço atuam como primeira resposta. Segundo o manual do Curso de Operações de Salvamento em Desastre (COSD, no prelo), primeira resposta possui como definição:

Primeira resposta: Os militares que compreendem essas equipes são aqueles que fornecem o primeiro atendimento ao desastre em si, normalmente são os militares que estão de serviço nas viaturas da unidade. Não existe a necessidade de os mesmos possuírem o COSD, mas seria interessante que os componentes dessa equipe possuíssem algum tipo de instrução básica sobre operações em desastres, seja através do Programa de Qualificação Operacional (PQO), ou através do Curso de Salvamento Terrestre (CST). Atuam essencialmente em um atendimento básico na operação, fornecendo o levantamento de dados da área afetada, identificação dos riscos, isolamento do local, busca e salvamento superficial, e dando suporte para as outras equipes que chegarem para apoiar. (CBMERJ, 2020, p.117)

Isto significa que, a primeira resposta é aquela dada no atendimento inicial da ocorrência por equipes que compõem as guarnições dos quartéis, que irão atuar no atendimento básico pela característica do desastre, aguardando apoio dos especialistas, mas a corporação já identificou a necessidade desse tipo de instrução como um conhecimento básico de todo bombeiro militar (BM).

Nesse sentido, o estudo realizado pela Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP) mapeou as competências do bombeiro militar, inclusive as relacionadas a eventos de desastre, apresentando seu perfil profissiográfico. A *International Search and Rescue Advisory Group* (INSARAG), em sua origem, devido a experiência de eventos anteriores, verificou a necessidade de padronização do atendimento e de capacitar as equipes locais para melhor atuação nesses eventos. Analisando os eventos anteriores, o Capitão BM Farah apresentou os fatores necessários para a gestão de primeira resposta, incluindo a capacitação e melhorias nas práticas de resposta. Além disso, o estudo sobre os procedimentos de mobilização dos esforços do Corpo de Bombeiros Militar do Espírito Santo (CBMES) na Busca e Salvamento em Desastre, trouxe um diagnóstico dos procedimentos aplicados e a necessidade de adequá-los.

A informação é o maior aliado na atuação do bombeiro militar, sendo a capacitação um conjunto de ações planejadas para desenvolver as competências. Nesse sentido, o salvamento em desastres envolve diversos aspectos, referentes à segurança, técnicas e ações de primeira resposta durante a ocorrência. Portanto, verificou-se a necessidade de compreender a relevância das guarnições que atuam na resposta imediata, primeira resposta, nos eventos categorizados como desastre, receberem a capacitação a fim de desenvolver as competências mínimas necessárias.

3 METODOLOGIA

Nesta seção será apresentado o processo metodológico para o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso. Definiu-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, entrevista semiestruturada e a entrevista aberta, pois o estudo tem como objetivo investigar a relevância da capacitação em desastres do bombeiro militar para o atendimento inicial, mostrando o contexto encontrado nos GBMs. Portanto, foi essencial a fundamentação teórica da pesquisa bibliográfica para construir um senso crítico capaz de discutir as informações dadas nas entrevistas por experiência da tropa nesses eventos.

A pesquisa bibliográfica de acordo com Martins e Theóphilo (2016) é a base da formação teórica do estudo. Ratificando, Gil (2017) afirma que a pesquisa bibliográfica oferece a fundamentação teórica necessária para o estudo, como também ao pesquisador o conhecimento atualizado a ser tratado. Além disso, Lakatos e Marconi (2003) acrescentam que esse método de pesquisa fornece parâmetros e perspectivas para orientar as questões levantadas para objeto de estudo. Com isso, interpreta-se que a pesquisa bibliográfica aprofunda o conhecimento teórico dando ferramentas para uma reflexão e entendimento sobre as indagações que estão sendo propostas neste artigo.

Na entrevista semiestruturada, segundo Boni e Quaresma (2005), o entrevistado possui fluidez na narrativa, discorrendo de modo mais abrangente sobre o assunto abordado, relembrando experiências que acrescentam na pesquisa. Complementando tal afirmativa, Lima, Alonso e Almeida (2016), o entrevistado é capaz de fornecer informações que podem gerar mais indagações, mesmo que Gil (2008), citado pelos autores Batista, Matos e Nascimento (2017), traga alguns pontos desfavoráveis como o fornecimento de respostas falsas e até mesmo a incapacidade do entrevistado de respondê-la adequadamente, entende-se que a entrevista semiestruturada foi fundamental para obter as informações necessárias de um dos sujeitos de pesquisa para análise do estudo.

Na entrevista aberta, segundo Boni e Quaresma (2005), o tema é exposto ao entrevistado de modo que ele tenha liberdade para discorrer sobre o assunto. Com isso, de acordo com Alonso, Almeida e Lima (2016), esse tipo de entrevista fornece uma abundância de informações que podem ser coletadas, seja pelas interpretações do entrevistador ou pelas palavras do entrevistado. Para Minayo (2003) citado por Boni e Quaresma (2005), com o maior número de informações, existe também um maior detalhamento do assunto questionado. Portanto, esse tipo de entrevista adequa-se ao perfil dos especialistas, como um dos sujeitos da entrevista, que podem apresentar perspectivas, anteriormente, não conhecidas pelo entrevistador.

Em suma, os métodos de pesquisa utilizados foram selecionados de modo a se interligarem. Essa forma de pesquisa vai desde a pesquisa bibliográfica, base teórica,

direcionando a investigação que foi feita pela entrevista semiestruturada sobre a contexto vivida na corporação, até a complementação por especialistas do CBMERJ em uma entrevista aberta.

3.1 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Nesta subseção será exposto como a pesquisa bibliográfica foi realizada, como também o modo que as entrevistas dos tipos semiestruturada e aberta foram desenvolvidas. Para isso será apresentado a justificativa para o uso da metodologia, o quadro das entrevistas, o perfil dos entrevistados, o campo da pesquisa e seu design.

A pesquisa bibliográfica deste trabalho foi baseada nas referências bibliográficas das aulas ministradas durante o Curso de Formação de Oficiais (CFO), especialmente nas matérias de Atividade Especializada (AE) IV e Defesa Civil, nas normas de instrução da corporação, e nas pesquisas do Google Acadêmico.

Nas aulas de AE IV, foram utilizados manuais de outros estados como referência bibliográfica, sendo selecionados os de Minas Gerais, São Paulo e Goiás, além do Distrito Federal, assim como os procedimentos operacionais padrão (POP) do CBMERJ e o manual do Curso de Operações de Salvamento em Desastre (COSD) que está em fase de aprovação. Vinculados à matéria de Defesa Civil, existem as normas relacionadas para compreensão no âmbito legal do objeto de estudo, são elas: Lei 250/79, a Lei 599/82, o Decreto nº 10.593, e a Portaria nº 260. E, por sugestão de um especialista entrevistado, também foi utilizado o site da INSARAG para embasamento teórico.

Para analisar a dinâmica das instruções, fundamentou-se nas Normas para Planejamento e Conduta da Instrução (NPCI) e no quadro de trabalho mensal (QTM) que a norma prevê a sua publicação mensal. Além disso, buscou-se no Google Acadêmico um conjunto de palavras-chave - primeira resposta, bombeiro, desastre e capacitação - no qual foram encontrados mais de três mil resultados, e para critério de seleção dos primeiros títulos da busca, que a página apresenta como os mais relevantes, selecionou-se aqueles que tivessem a correspondência total das palavras-chave e que preferencialmente fossem artigo científico ou monografia e seu autor ou sujeito da pesquisa, bombeiro militar. Com isso, foram selecionados dois títulos nesse critério e um estudo feito pela Secretaria Nacional de Segurança Pública.

A partir desta coleta de material bibliográfico, foi feita a leitura analítica sobre o tema que promoveu o suporte teórico. Com esse embasamento obtido, elaborou-se dois roteiros de entrevistas para dois sujeitos de entrevistas diferentes: o primeiro roteiro destinado às

guarnições de socorro utilizando o método de entrevista semiestruturado e o segundo roteiro, entrevistas abertas aplicadas aos especialistas da corporação sobre o tema estudado.

A seguir apresenta-se o “Quadro 1: Roteiro de Entrevista das Guarnições”, que foi desenvolvido para um dos sujeitos da pesquisa, com justificativa para a implementação do tipo de entrevista. Além disso, como pode ser visto, cada bloco da entrevista idealizada possui a sua questão norteadora que faz parte de uma das questões secundárias apresentadas no estudo, as perguntas realizadas e a motivação para o desenvolvimento delas.

QUADRO 1: ROTEIRO DE ENTREVISTA DAS GUARNIÇÕES

ROTEIRO DE ENTREVISTA DAS GUARNIÇÕES	
SUJEITO:	Guarnição do 16ºGBM e do GOCG
TIPO DE ENTREVISTA:	Semiestruturada
JUSTIFICATIVA:	
O tipo de entrevista selecionado é a semiestruturada, a qual possui um roteiro como guia, que diferente das entrevistas estruturadas, não possui somente questões objetivas, há espaço para perguntas onde é possível discorrer sobre o tema. “Para se obter uma narrativa natural, muitas vezes não é interessante fazer uma pergunta direta, mas sim fazer com que o pesquisado relembre parte de sua vida”. (BOURDIEU, 1999 apud BONI E QUARESMA, 2005, p.72). Conforme o autor citado, ele deixa claro a importância na coleta de informações do entrevistado com “narrativa natural”, ou seja, fluida, sem generalização e fidedigna. Como o objetivo é compreender a relevância da capacitação dos bombeiros militares em eventos de desastre para atuação inicial, isto é, estudar o comportamento de um grupo, onde uma das principais fontes de pesquisa é o seu próprio relato, torna-se primordial que seja aguçada a memória do entrevistado. Assim como, também é significativo que o entrevistador dilua os possíveis ruídos, facilitando a orientação do entrevistado para a obtenção do conhecimento. Além de ser possível, com essas perguntas subjetivas, captar impressões que são essenciais para observação do sujeito da pesquisa, que dão sentido à realidade.	
BLOCO 1:	
QUESTÃO NORTEADORA:	Quais são os procedimentos adotados em primeira resposta num evento de desastre?
QUESTÕES:	1) O que significa para você a primeira resposta? 2) Tem conhecimento sobre os procedimentos padronizados como primeira resposta num desastre? Se possui, discorra sobre elas. 3) Consegue observar se eles são colocados em prática durante a ocorrência? Como isso acontece?
JUSTIFICATIVA DO BLOCO 1:	
Essas perguntas foram pensadas, uma vez que, irão expor o conhecimento teórico das guarnições do 16ºGBM e do GOCG, que nos dará com a resposta obtida, um panorama a ser analisado comparado com base nos manuais e procedimento operacional padrão que a corporação possui. Dessa forma, sendo possível verificar se o procedimento contido neles, é de conhecimento de todos e se estão sendo utilizados na prática.	
BLOCO 2:	
QUESTÃO NORTEADORA:	Como os militares são capacitados para atuar em primeira resposta num evento caracterizado como desastre?

QUESTÕES:	4) No seu GBM há treinamento diário ou programa de qualificação operacional focado em desastres? Como foi a experiência, caso tenha participado de algum deles? 5) A frequência que recebe essas instruções, caso receba, condiz com a frequência em que deve atuar nesses eventos e com o cenário encontrado? 6) Qual a frequência do evento de desastre no seu GBM?
JUSTIFICATIVA DO BLOCO 2:	
Com essas questões norteadoras é possível averiguar como o CBMERJ realiza a reciclagem da capacitação de seus militares, através do programa de qualificação operacional (PQO) e do treinamento operacional diário (TOD) aplicados no 16ºGBM e no GOCCG.	
BLOCO 3:	
QUESTÃO NORTEADORA:	Quais são as consequências da capacitação que as guarnições possuem atualmente, diante do cenário encontrado nos eventos de desastre nos quais já atuaram?
QUESTÕES:	7) Já atuou em eventos de desastre? Quais e como foi essa experiência? 8) Durante a atuação nesses eventos, pode verificar algum procedimento adotado pela guarnição, o qual julgou equivocado? Descreva o procedimento. 9) Em decorrência desse procedimento, houve alguma consequência negativa para as vítimas ou mesmo para a própria guarnição? Se sim, relate qual.
JUSTIFICATIVA DO BLOCO 3:	
Com esse bloco do roteiro, é possível compreender o real cenário existente da capacitação nas ocorrências de desastre pelos relatos, dimensionando as consequências e a relevância de possuir o conhecimento de primeira resposta nos eventos categorizados como desastres.	

Fonte: Os autores (2022)

O perfil dos sujeitos do “Roteiro de Entrevista das Guarnições” tem como característica comum a participação em eventos de desastre que atuam nas guarnições de socorro do 16º GBM e do GOCCG. Esses militares possuem menos de dez anos de serviço ativo no CBMERJ, estando no perfil de entrevistado a praça e o oficial. No entanto, nenhum destes possui especialidade em desastre, são militares que atuam em nível operacional, pois o intuito é ter a percepção quanto aos seus conhecimentos em primeira resposta.

Em seguida será apresentado o “Quadro 2 – Roteiro de Entrevista Especialistas”, que foi desenvolvido para o sujeito de pesquisa que é o especialista, assim como a justificativa para a implementação do tipo de entrevista. Será exposto como no quadro 1, a explicação para o uso da entrevista aberta e a questão norteadora que baseou a pergunta realizada ao entrevistado.

QUADRO 2: ROTEIRO DE ENTREVISTA ESPECIALISTAS

ROTEIRO DE ENTREVISTA ESPECIALISTAS	
SUJEITO:	Especialistas
TIPO DE ENTREVISTA:	Aberta
JUSTIFICATIVA DO TIPO DE ENTREVISTA:	

Com o perfil de entrevistado sendo especialista optou-se por aplicar uma entrevista aberta. “A entrevista aberta é utilizada quando o pesquisador deseja obter o maior número possível de informações sobre determinado tema, segundo a visão do entrevistado, e também para obter um maior detalhamento do assunto em questão.” (MINAYO, 1993 apud BONI e QUARESMA, 2005, p.74)”. Visto que, o autor discorreu sobre a finalidade desse tipo de entrevista, mostrou perfeita a conjugação com o grupo entrevistado, uma vez que, se pode explorar amplamente o objeto pesquisado, já que possuem conhecimento que poderia ficar limitado a perguntas estruturadas. E assim, pode-se levantar questões que talvez, nem fossem imagináveis pelo pesquisador, estando num papel de ouvinte.

BLOCO I:	
QUESTÃO NORTEADORA:	Qual a relevância das guarnições receberem uma capacitação quanto aos procedimentos adotados numa resposta inicial em eventos caracterizados como desastre?
QUESTÃO:	De acordo com a atuação do CBMERJ num evento de desastre, qual a importância de uma guarnição estar capacitada e adestrada sobre as ações de primeira resposta neste tipo de ocorrência?
JUSTIFICATIVA DO BLOCO I:	
A fim de apresentar o tema para o entrevistado, foi pensado em utilizar uma pergunta baseada na questão principal, para demonstrar o interesse geral. Pois assim, é exposto o tema e traz ao entrevistado a reflexão que deseja, direcionando a seu discurso a exposição de opinião da problemática estudada, compondo dessa forma uma boa fonte de conhecimento.	

Fonte: Os autores (2022).

Conforme dito, esse quadro foi utilizado para o sujeito da entrevista que é especialista. Dessa maneira, foram selecionados dois entrevistados que possuem algumas características consideradas importantes para um evento de desastre, já que dentro de suas funções possuem competência de gerência e autoridade no tema de análise, ou seja, atuam em nível estratégico.

O primeiro entrevistado tem perfil de gestão em desastres e possui mais de trinta anos de experiência de atuação no CBMERJ. Desde 2018 na Defesa Civil de Teresópolis, trabalha na mitigação e na prevenção desse tipo de ocorrência e quando ocorre, possui a competência para gerir os desastres.

O segundo entrevistado é cursado em Salvamento de Operações em Desastre pelo CBMERJ e possui menos de dez anos de serviço ativo na instituição. Atuou nos desastres de Muzema, Porto da Pedra, Ilha Grande e Petrópolis. Desde 2018, trabalha no Grupamento de Busca e Salvamento (GBS), unidade operacional do CBMERJ que atua como apoio especializado ao estado do Rio de Janeiro. Além disso, é instrutor da matéria de desastre do COSD e do PQO.

As entrevistas foram realizadas via aplicativo “Whatsapp” para viabilizar a incompatibilidade da logística, devido a rotina de internato dos entrevistadores. Aliás, foram respondidas por áudio e transcritas conforme consta no metadados e todas possuem a devida autorização. Porém, dois militares que participaram da entrevista semiestruturada preferiram manter o anonimato.

Ao término do ciclo de entrevistas, foi realizado um quadro de análises para os roteiros de entrevista de modo que os assuntos chave de cada resposta fossem expostos. E após a categorização temática, os temas se resumiram em: gestão de recursos, equívoco no planejamento e cuidado psicológico. Os quadros de análise constam nos metadados.

Os Grupamentos de Bombeiro Militar (GBMs) escolhidos para o referido estudo foram baseados na frequência que ocorre o desastre e na necessidade de efetivo para atuar nesses eventos. O 16º GBM, localizado em Teresópolis, região serrana do estado do Rio de Janeiro, foi escolhido pois esta região tem os desastres naturais como evento recorrente, seja pela topografia e relevo do local, como também pelo alto índice de chuvas. Diante disso, entende-se a necessidade de uma guarnição preparada para atuar com objetivo de oferecer a primeira resposta às vítimas das áreas afetadas.

O Grupamento Operacional do Comando Geral (GOCG), localizado na cidade do Rio de Janeiro, tem sua relevância no estudo pelo fato de atuar como apoio nos desastres que ocorrem em todo o estado do Rio. Uma vez ocorrido um evento de grande vulto, o GOCG, com todo o seu efetivo, é posto de pronto emprego para oferecer o suporte necessário às guarnições da área operacional afetada, seja com recursos materiais ou recursos humanos.

O período temporal determinado para o estudo foram os anos de 2019 e 2020, uma vez que essa pesquisa tem a finalidade de analisar a importância da capacitação dos militares. Foi preciso ter um ano letivo completo como base para entender a capacitação e a sua relevância nos eventos futuros, porém as medidas sanitárias aplicadas em 2020, devido ao COVID-19, comprometeram a aplicação das instruções. Diante disso, houve a necessidade de avaliar as experiências desses militares baseando-se em 2019, já que esse trabalho de conclusão de curso iniciou em 2021.

Em suma, as respostas das entrevistas trazem entendimento sobre a compreensão dos militares no que diz respeito à capacitação em primeira resposta sobre os eventos de desastre e se as tropas do 16ºGBM e do GOCG possuem treinamento continuado sobre o tema.

Desse modo, a metodologia, conforme explicitado, foi dividida em três partes contendo métodos distintos que se completam: a pesquisa bibliográfica que é o embasamento teórico para a problematização, servindo de arcabouço para definição das lacunas do estudo; a entrevista semiestruturada com direcionamento das questões que se achou durante o estudo teórico e a entrevista aberta que serviu de artifício para complementação do conhecimento do pesquisador, corroborando a pesquisa bibliográfica.

A próxima seção será apresentada o “Resultado e Discussões” que refletem os métodos e procedimentos realizados e descritos nessa seção.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção será apresentado o que foi encontrado com base nas pesquisas bibliográficas e discutido com o contexto identificado na análise das entrevistas. Para isso, será dividido em três subseções que abordarão os seguintes temas: procedimentos de primeira resposta, a capacitação das guarnições e as consequências que essa capacitação possui no desastre. Essa abordagem tem o intuito de apontar a relevância do conhecimento sobre as condutas de atuação numa resposta inicial.

4.1 PRIMEIRA RESPOSTA EM DESASTRES

O objetivo desta seção é analisar os manuais e os Procedimentos Operacionais Padrão (POPs) relativos a desastres: gestão em SCI (Sistema de Comando de Incidente) e primeira resposta. A partir desta análise, será verificado quais são os procedimentos adotados na atuação de primeira resposta ao desastre, sendo esta a questão norteadora da seção.

Os manuais relativos a desastres dos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro (no prelo) e São Paulo, portal da INSARAG, manuais de SCI e o artigo científico do Capitão BM Farah, auxiliarão na pesquisa com o objetivo de discutir sobre os resultados das entrevistas para responder à questão norteadora desta seção.

A fim de iniciar a discussão sobre o tema, é necessário que seja compreendido sobre os procedimentos da primeira resposta, além do entendimento em gestão de SCI, que também auxilia no repertório teórico para comparar se os procedimentos adotados pela guarnição num desastre estão de acordo com o que preceituam nos manuais.

De acordo com a INSARAG (1991), a primeira resposta é o conjunto de atitudes que consistem em organizar o local do evento, avaliar a causa do incidente, solicitar apoio necessário, realizar buscas superficiais e fornecer informações sobre o evento para os tomadores de decisão. Essas condutas facilitam o bombeiro militar a agir de maneira eficiente, principalmente em áreas que a resposta dos especialistas pode ser atrasada, como por exemplo, a falta de mobilidade de chegada ao local.

Tal como no manual do COSD (2020), a primeira resposta compreende na montagem de equipes, que não necessitam ser especialistas na área, mas fornecem o atendimento necessário para a ocorrência. No âmbito do CBMERJ, são os militares das guarnições do socorro que formarão as equipes de primeira resposta, atuando principalmente no atendimento

básico na operação, fornecendo o levantamento de dados da área afetada, identificação dos riscos, isolamento do local e buscas superficiais.

No entanto, segundo o manual de Goiás (2017), na perspectiva do SCI, a primeira resposta faz parte de uma das etapas do Ciclo "P" (Apêndice D do Metadados) que consiste numa ferramenta usada em eventos que evidenciem a necessidade de uma formalização do plano de ação do incidente. Conforme o Ciclo "P", a primeira resposta é o período comum a todos os incidentes e inicia-se quando o evento ocorre, e as equipes são acionadas, chegando ao local e atuando com objetivo de evitar maiores danos. O desastre, como explicado, é dividido em BREC, BRESOT e BREI. Em cada evento categorizado existe uma conduta a ser adotada como procedimento de primeira resposta.

Em BREC, seguindo o manual BREC do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais (CBMMG, 2017) os procedimentos adotados de primeira resposta são atitudes que o BM deve adotar com o intuito de resgatar as vítimas superficiais sem a utilização de técnicas complexas de penetração de escombros e montagem de escoramentos.

De acordo com o manual do COSD (2020), a similaridade entre os eventos de estruturas colapsadas e soterramentos são inúmeras, onde até mesmo é possível que os dois tipos de evento façam parte do mesmo cenário. Entretanto, os procedimentos possuem algumas particularidades, como por exemplo a delimitação e identificação inicial da área atingida, fator gerador do sinistro e probabilidade de ocorrer novamente o deslocamento de massa, cabendo ao oficial de segurança da equipe de primeira resposta a gerência dessas ações.

Assim como em BRESOT, no manual de São Paulo (2006) BREI possui peculiaridades por se tratar de um ambiente predominantemente aquático com obstáculos. Ações de primeira resposta como por exemplo, o entendimento da dinâmica e deslocamento de água, sua força, a doutrina de salvamento aquático (alcançar, arremessar, remar e nadar) e ações de auto resgate compõem as práticas nesse tipo de busca.

Dentre as definições apresentadas em primeira resposta, observa-se a relevância da gestão do evento. Nesse sentido, o SCI é uma forma de coordenar e gerenciar ocorrências que venham a tomar grandes proporções. De acordo com o POP de Sistema de Comando e Controle Operacional (SCCO, 2013), baseado no SCI, essa ferramenta de gerenciamento ajuda a otimizar as ações do cenário sinistrado, bem como confeccionar um guia para orientação do Comandante de Operações e dos demais agentes envolvidos e também facilita na adoção de uma linguagem única durante as operações, emanando para tropa as ordens de forma clara e objetiva.

4.1.1 Análise das Respostas dos Entrevistados

Nesta subseção serão descritas as respostas obtidas através das entrevistas e o que esses resultados têm em comum com o que é padronizado nos manuais e POPs analisados. Em primeira análise, 03 (três) dos 04 (quatro) entrevistados, do primeiro sujeito da pesquisa, as guarnições, entendem que primeira resposta são condutas que a equipe de socorro deve possuir com os recursos disponíveis para pronto emprego, gerindo o incidente como uma primeira resposta, conceituada no âmbito do SCI.

No que diz respeito sobre os procedimentos padronizados como primeira resposta num desastre e se algum dos entrevistados possui esse conhecimento, apenas 01(um) informou que não possui. Porém os demais entrevistados demonstraram conhecimento sobre gerência, logística e organização, ou seja, conhecimentos sobre SCI, que são fatores auxiliares num evento de desastre, e não no padrão de primeira resposta do mesmo.

Os entrevistados foram questionados sobre a prática das ações de primeira resposta, se é possível observar, como acontece, e pelo padrão que deve ser feito, todos afirmaram que não são colocados completamente em prática essas condutas. Um dos entrevistados afirmou que o conhecimento básico do BM é colocado em prática, devido às suas experiências, mas o padrão seria o ideal para que todos pudessem ter uma única linguagem.

Diante do exposto sobre as ações de primeira resposta no desastre, com base nos manuais e Procedimentos Operacionais Padrão, e analisando as opiniões dos componentes das guarnições de socorro do 16º GBM e do GOCCG, verifica-se uma inconformidade com o que se encontra exposto nas literaturas e o que os militares sabem sobre o tema.

Devido a experiência desses militares, o que se conhece sobre condutas de primeira resposta em desastre está vinculado ao SCI, e apesar dos conceitos serem complementares não se confundem. Assim, entende-se que o padrão descrito nas literaturas difere do que é feito, o que pode gerar divergência nas decisões e conflito de informações.

A seguir, a próxima subseção terá como objetivo a análise do Treinamento Operacional Diário (TOD) e o Programa de Qualificação Operacional (PQO) ministrados no 16º GBM e no GOCCG. A maneira que os militares das guarnições são capacitados para atuar na primeira resposta em desastre será o questionamento a ser respondido.

4.2 CAPACITAÇÃO DE PRIMEIRA RESPOSTA EM EVENTOS DE DESASTRE NO CBMERJ

Essa subseção tem o objetivo de analisar o programa de qualificação operacional (PQO) e o treinamento operacional diário (TOD) no 16º GBM e no GOCCG, entendendo como que os militares das guarnições de socorro recebem as instruções e treinamentos, a fim de responder o questionamento de como esses bombeiros são capacitados para atuar em primeira resposta num evento caracterizado como desastre. Para isso, será discutida a aplicação prática da Lei 599/82, das Normas para Planejamento e Conduta da Instrução (NPCI), dos Quadros de Trabalho Mensal (QTM) elaboradas pelo CBMERJ e o “Estudo Profissiográfico e Mapeamento de Competências” realizado pela Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP) comparados ao relato dos entrevistados.

O ensino no CBMERJ, segundo a Lei de Ensino de Bombeiro Militar - Lei 599/82 em seus art. 1º, art. 2º e art. 3º, é uma atividade desenvolvida com o objetivo de preparar seu recurso de pessoal ao exercício do cargo e função dentro da estrutura organizacional da corporação, sendo esse preparo e adestramento de modo contínuo e progressivo na linha de ensino operacional. Com isso, cabe ao CBMERJ disponibilizar os meios necessários para a manutenção da capacidade de sua tropa.

A instrução é o instrumento primordial para manutenção e aperfeiçoamento do conhecimento técnico-profissional. Assim, com o propósito de padronizar e orientar a aplicação dessas instruções de manutenção da capacidade operacional de cada OBM, existe a NPCI de publicação anual.

A NPCI/2019 - NOTA DGEI/DI 036/2019 publicada no Boletim Sedec/CBMERJ nº 58 de 29 de março de 2019 são previstas 3 (três) tipos específicos de instrução profissional de manutenção no CBMERJ: a Instrução de Treinamento Físico Militar, Instrução de Adestramento e Instrução Técnico-Profissional. Para o estudo desenvolvido, o foco será nas instruções de adestramento e técnico-profissional, onde a primeira consiste em exercitar as atividades em equipes de desenvolvimento de habilidades essenciais, com a aplicação do TOD, e a segunda tem o objetivo de fixar os conhecimentos na área fundamental e profissional, como também sua ampliação e atualização.

A norma ainda prevê a publicação mensal do quadro de trabalho mensal (QTM) ao longo do ano letivo, para que haja a padronização citada anteriormente. Os QTMs publicados que foram encontrados, ao serem analisados constatou-se que o conteúdo a ser ministrado referente a matéria de desastre, como por exemplo, resgate em estruturas colapsadas e deslizamento de terras, foi dedicado apenas aos oficiais intermediários e subalternos, conforme o Apêndice E do Metadados: “Quadro de Trabalho Mensal - 2019”.

O resultado obtido na análise do QTM, foi corroborado pelos relatos obtidos durante as entrevistas, que as militares praças da escala 24x72 ou do expediente não haviam recebido instrução específica sobre a matéria, buscando o conhecimento com militares cursados ou até mesmo aprendendo durante as ocorrências. Entretanto, foi dito pelo “Entrevistado 1” que recebeu uma instrução sobre BREC (busca resgate em estrutura colapsada), no início da carreira durante sua formação de soldados.

Ainda neste contexto, os militares do 16º GBM relataram que, no entanto, existe a ocorrência de instruções sobre a matéria com regularidade anual e duração de três dias a uma semana, ministrados pelo GBS (Grupamento de Busca e Salvamento), com participação de praças e oficiais. Essas instruções são conhecidas como programa de qualificação operacional (PQO).

Nas respostas das entrevistas foi observado que apesar da publicação dos QTMs, as OBMs têm o foco em instruções voltadas para os eventos de maior recorrência considerando as peculiaridades de sua área operacional. Ainda foi dito que as atividades que operacionalizam o funcionamento do quartel demandam tempo da tropa e isso contribui para o desestímulo pelas dinâmicas apresentadas como treinamento.

Ao analisar a existência e a periodicidade dessas instruções é necessário entender a frequência do evento e também o nível de conhecimento que a guarnição possui, para ser possível responder o questionamento na subseção, uma vez que a maneira que a capacitação ocorre é influenciada por esses fatores descritos.

Uma tabela elaborada pela SUOP - Superintendência Operacional da Defesa Civil do Estado do Rio de Janeiro (Anexo A do Metadados) demonstrou que a frequência das ocorrências no ano é baixa ao comparar com as ocorrências corriqueiras, sendo que nos últimos anos, 2019, 2020 e 2021, ocorreram respectivamente um total de 13 (treze), 28 (vinte e oito) e 10 (dez) situações de emergência declaradas. No entanto, vale frisar que só foram contabilizados os casos que geraram situação de emergência ou estado de calamidade, ou seja, que possuem como características, segundo o Decreto 10.593/2020, uma situação anormal gerada por desastre que causa danos que comprometem a capacidade de resposta, parcial quando em situação de emergência e substancial quando em estado de calamidade. Observando também que essa tabela não considera os casos de menor proporção.

Como foi analisada a existência e frequência das instruções e a periodicidade desses eventos, é necessário entender o nível de capacitação que esses militares têm em primeira resposta. Esse entendimento relatado na subseção anterior, ao expor o resultado da entrevista que os militares dão a primeira resposta apenas a nível de SCI, demonstraram que o

conhecimento básico não foi mantido ou foi adquirido de modo informal, seja pela experiência na participação de algum evento ou por curiosidade através do contato com militares especialistas da guarnição.

Um estudo feito pela SENASP, em 2013, traçou o perfil do BM profissiográfico e mapeou suas competências, em nível nacional, onde o estado do Rio de Janeiro teve a maior participação na pesquisa com cerca de 29%, corroborando para o resultado do nível de capacitação obtido na entrevista. Nesse estudo foram relacionadas as competências necessárias, classificando de maneira escalonada a importância de possuir a competência e o domínio. Ao analisar a classificação das competências técnicas de desastre foi verificado que "Ao realizar busca, resgate e salvamento em estruturas colapsadas" o domínio entre pouco a médio possui 2.87 pontos na escala, no entanto, a importância de alta a extrema tem 4.42 pontos na escala. No geral, as competências necessárias de primeira resposta em desastre alcançaram índice de médio domínio e alta para extrema importância.

Com isso, ao afirmar que a frequência desse tipo de evento é baixa, é necessário evidenciar que ela possui alta complexidade, estabelecendo assim a necessidade de um nível de conhecimento significativo para as guarnições atuarem com confiança, assim, sendo necessário a manutenção do treinamento.

Em contrapartida, nota-se como capacidade dos recursos de primeira resposta, as guarnições com capacitação de ocorrências básicas, visto que a formação do CBMERJ é multidisciplinar operativa. Após a formação inicial básica, o BM, em sua maioria, não tem uma rotina de treinamento em desastre que evolua suas capacidades. Sem a busca de um curso operacional, tendo apenas as experiências dos eventos que participaram, para o especialista essa formação básica não é suficiente para o BM atuar, fato este que torna necessária uma capacitação específica para lidar com as situações que ocorrem no desastre.

Essa escassez de treinamento de aperfeiçoamento e manutenção traz consequências na atuação do militar. A seguir será apresentado na próxima subseção as consequências da capacitação que as guarnições possuem atualmente.

4.3 CONSEQUÊNCIAS DA CAPACITAÇÃO DE PRIMEIRA RESPOSTA EM DESASTRES DAS GUARNIÇÕES DO CBMERJ

Esta subseção tem a finalidade de investigar eventos anteriores de desastre através de entrevistas aplicadas aos sujeitos da pesquisa para compreender quais são as consequências da

capacitação que as guarnições possuem atualmente, diante do cenário encontrado nos eventos de desastre nos quais atuaram.

A fim de discutir os resultados obtidos nas entrevistas, será utilizada o manual "*Volume II: Preparedness and Response*" da INSARAG, o "Estudo dos procedimentos de mobilização de esforços especializados do CBMES na busca e salvamento em desastres" produzido como trabalho de conclusão de curso de Especialização em Gestão, Proteção e Defesa Civil de Minas Gerais e o artigo científico: "A atuação dos bombeiros na resposta ao desastre do rompimento da barragem em Mariana: uma análise dos fatores críticos de sucesso". Essas publicações traçam, a partir da análise das experiências coletadas nos eventos, as consequências que tiveram e as lacunas das capacidades de atuação apresentadas.

O resultado da forma de treinamento e capacitação exposto na subseção anterior, influenciou o quanto os militares entrevistados estavam capacitados para atuar nas ocorrências e o modo que elas foram atendidas, desde a ação em si até o seu gerenciamento. Assim como, as consequências que ocorreram devido a essa atuação das guarnições.

Desse modo, nos relatos dos militares das guarnições que foram entrevistados, todos pontuaram que durante a atuação, assim que chegaram ao local, aplicaram os conhecimentos de multiameaça básica. Durante a evolução do evento perceberam questões relacionadas a planejamento e gestão, como falta de uma estrutura de comando, informações desencontradas, sem padronização da comunicação e reconhecimento das prioridades. Atestando essas dificuldades encontradas, existe a própria origem da doutrina do SCI, que após o estudo da atuação dos incêndios florestais na Califórnia nos anos 70, aplicado nos órgãos de gestão pública dos Estados Unidos da América e que foi adaptado pelo CBMERJ como o Sistema Comando e Controle Operacional.

Corroborando também ao relato dos entrevistados, o Capitão BM Farah, do CBMMG, em seu artigo sobre a atuação dos bombeiros na resposta ao desastre do rompimento da barragem em Mariana, afirma que a gestão de resposta ao desastre necessita de uma logística complexa por conta da administração dos recursos pouco disponíveis na área afetada. Com isso, o equívoco no planejamento e na gestão desses recursos, dificulta a atuação durante o sinistro.

O especialista em operação de busca e salvamento em desastre, ao analisar sua experiência nesses eventos, como por exemplo, a dificuldade em acessar ao local, seja pela distância ou pelo cenário encontrado nas imediações, possui dificuldade de atender em um tempo resposta adequado. Segundo o "Especialista 1" em sua entrevista, aborda que o tempo de vida da vítima deve ser o mais próximo com o tempo de deslocamento e chegada da equipe especializada.

Confirmando a fala do “Especialista 1”, a tabela de taxa de sobrevivência encontrada no portal institucional da INSARAG (2017), nas primeiras horas da ocorrência chega a cerca de 90%, caindo para 80% em 24 horas e tendendo a zerar após 120 horas, considerando os bolsões de ar que são criados nos eventos de estrutura colapsada. No entanto, se considerar que nos eventos de soterramento esses bolsões são ocupados pela massa de terra devido a acumulação de água no solo, essa taxa tende a cair.

O fornecimento dos dados levantados que é de responsabilidade das equipes de primeira resposta são fonte para os tomadores de decisão, o que é primordial para uma gestão de desastres além da identificação dos recursos necessários e aplicação eficaz dos mesmos, gerando uma rede de apoio às equipes especializadas.

Até pois, pelo relato do “Especialista 1”, casos de guarnições que não tinham o conhecimento suficiente para dar a primeira resposta, ou seja, aplicar técnicas básicas de segurança e salvamento, e preparar o terreno para a equipe especializada. Alguns casos, se tivessem esse conhecimento de primeira resposta, não acionariam os especializados, sendo que a equipe de resposta é essencial ao CBMERJ, pelo quantitativo populacional, extensão territorial e número de eventos, não aplicando recursos desnecessários, tendo mau gerenciamento.

As consequências relatadas pelo “Especialista 2”, foram relacionadas ao equívoco no planejamento, gestão dos recursos e falta de apoio psicológico. Afirmou também que os fatores organizacionais e de operação devem ser treinados exaustivamente para que no momento da crise seja aplicada a divisão de tarefas ordenadamente e não sacrificar militares capacitados, ressaltando a importância dessa capacitação. Além disso, reforçou a questão da variável psicológica, a necessidade de saber agir com os familiares, coordenar a ajuda dos voluntários, e saber lidar com o próprio psicológico pelo cenário de guerra encontrado.

Validando o que os especialistas disseram sobre a falta de capacitação frente ao tempo resposta, Boles (2020 apud Stathopoulos et al., 2015) ratificam que para ganhar tempo e aumentar as chances de salvamento das vítimas, a padronização das atividades de busca e das fases da operação tornam o resgate eficiente.

Na perspectiva da construção de capacidade abordada pela INSARAG, destaca-se a importância dos treinamentos de multiameaças dos membros das equipes de busca e salvamento em desastre, tanto para os especializados, quanto para as guarnições de primeira resposta, uma vez que os mesmos são preparados para operações em ambientes que mudam o cenário rapidamente. Por mais que esse treinamento seja demorado, é importante para salvar vidas, como pode ser visto no Ciclo INSARAG de desenvolvimento de capacidade *Urban Search and*

Rescue (USAR), adaptado da INSARAG (2020) no Anexo B do Metadados, de modo que é necessário desenvolver a capacidade, revisá-la e aprimorá-la, fazendo um estudo das atitudes tomadas nos eventos, onde determinam o que foi tomado como correto ou não, apontando as lacunas consequentes das capacidades.

Os entrevistados também foram questionados a respeito da padronização, se as ações adotadas podem ser consideradas o ideal, se houve algum acidente devido a postura operacional. Ainda que alguns enfatizem a falta de organização na gestão, o equívoco no planejamento é o tema principal levantado pelos sujeitos da pesquisa. Apesar de esboçar suas respostas a respeito de procedimentos equivocados na guarnição durante o desastre, nenhum dos entrevistados descreveram o procedimento observado, apenas apontaram que era aplicado com imprecisões, ou seja aplicado parcialmente. No entanto, comparado às técnicas que eram aplicadas em eventos anteriores, percebem que o CBMERJ está evoluindo.

Segundo o “Estudo dos procedimentos de mobilização de esforços especializados do CBMES na busca e salvamento em desastres”, é necessário fortalecer a preparação para resposta a desastres, em termos de gerenciamento com recursos padronizados para alcance do melhor desempenho.

Em suma, as consequências das atitudes diante os eventos relacionados ao gerenciamento e apoio psicológico são consequências da falta da capacitação por parte das guarnições de socorro que fazem o atendimento inicial numa área afetada. Conclui-se também que a padronização das condutas no atendimento torna-se relevante à medida que uma localidade sofre com esses desastres. O apoio psicológico, segundo os especialistas, é fator primordial para os militares, pois a eficiência de um salvamento dependerá também da condição mental desses resgatistas. A falta e o equívoco no planejamento, portanto, compromete toda uma operação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa contextualizou a capacitação quanto aos procedimentos a serem adotados numa resposta inicial, ou seja, em primeira resposta nos eventos caracterizados como desastre das guarnições de socorro do 16º GBM e do GOCCG, trazendo à luz a sua relevância. Essa relevância está associada ao fato que militares capacitados nos procedimentos de primeira resposta aumentariam a confiança das guarnições em suas ações imediatas, uma vez que o domínio desses procedimentos aumentaria a probabilidade da conservação do bem, sobretudo

da vida das vítimas e integridade da guarnição. Além de gerar satisfação dos populares pelo serviço prestado.

A partir do conhecimento desses procedimentos de primeira resposta, o gerenciamento de recursos materiais e humanos será eficiente. Além de facilitar a atuação dos especialistas ao assumirem o local do socorro, atitudes como isolamento do local, anotação de todas as informações relativas ao evento e montagem do Posto de Comando não serão negligenciadas. O emprego do recurso especializado seria exclusivo às situações críticas e não aplicariam por falta de conhecimento das guarnições, melhorando o tempo resposta no socorro das vítimas.

A fim de alcançar o objetivo geral deste estudo, foram analisados os manuais e os procedimentos operacionais padrões, o programa de qualificação operacional, ministrado pelo GBS, e o treinamento operacional diário no 16º GBM e do GOCG. Além disso, foram investigados eventos anteriores de desastre em que os quartéis de estudo participaram através das pesquisas e houve a participação dos especialistas na área que colaboraram com seus relatos. Partindo dessas informações, os objetivos foram atingidos no contexto de como ocorre a capacitação e o atendimento de primeira resposta nesses grupamentos.

A partir da hipótese de que com a capacitação, os conhecimentos seriam disseminados, dando uma eficiência no atendimento e de acordo com as literaturas utilizadas, esse pressuposto foi confirmado à medida que o fator tempo resposta melhora, aumentando a probabilidade de resgatar com vida uma vítima além de melhorar a gestão dos recursos humanos e materiais, além de mitigar a probabilidade de erros da tropa. O alinhamento dos conhecimentos sobre condutas de primeira resposta em desastre, além de aumentar a autoconfiança, os militares do CBMERJ terão a mesma linguagem evitando divergências durante o socorro.

No que tange aos procedimentos adotados como primeira resposta no desastre, como resultado das entrevistas realizadas e das pesquisas bibliográficas, tem-se que essas condutas não são de conhecimento pleno das guarnições de socorro que atuam de maneira imediata no evento, trazendo o conceito de SCCO sem aplicação específica dos procedimentos padrão para desastre, BREC, BREI e BRESOT. Desse modo, a falta de conhecimentos básicos dessas condutas corrobora, no fator tempo resposta, comprometendo o atendimento e aumentando o trabalho de especialistas.

Ao longo da pesquisa foi examinado também como os militares do sujeito da pesquisa foram capacitados, a periodicidade e a existência de treinamentos voltados para a matéria, assim como a frequência que esses eventos ocorrem. Diante disso, o contexto encontrado para as praças do expediente e escala 24x72 que atuam nessas guarnições de primeira resposta é que

seus treinamentos são focados para ocorrências rotineiras, demonstrando a necessidade de instruções tanto para operacionalizar quanto para gerir um evento de desastre.

Por fim, foram analisadas as consequências da capacitação que as guarnições possuem, ou seja, se a capacitação que possuem, ao ser aplicada nos eventos que já participaram, foram suficientes para o atendimento e como decorreu esses eventos. De modo geral, tanto os especialistas quanto as guarnições de socorro, apontaram dificuldades de logística, gerenciamento dos recursos humano e material, a falta de conhecimento e preparo psicológico.

Nesse sentido, verifica-se que o CBMERJ necessita de atualização nas instruções sobre salvamento em desastre, uma vez que, ao ser decretado Estado de Calamidade Pública ou Situação de Emergência numa localidade, é dever do Corpo de Bombeiros agir em primeira resposta no socorro às vítimas. E, para essa ação de primeira resposta, esses militares precisam estar adestrados com o intuito de facilitar o trabalho de especialistas e de outros órgãos especializados.

Devido a recorrência desses eventos no estado do Rio de Janeiro e a defasagem dos conhecimentos sobre desastres, sugere-se o nivelamento dessas condutas de primeira resposta para todo o CBMERJ, porém, antes disso, deve-se entender como se encontra o nível das guarnições. Essas atitudes ajudariam o CBMERJ a possuir uma única linguagem durante o socorro, facilitando sua comunicação com outros órgãos, inclusive internacionais.

Em síntese, a partir do contexto encontrado, esta pesquisa tem seu valor à medida que se compreende o nível de conhecimento sobre as condutas de primeira resposta em desastre, demonstrando também a relevância de receberem essa capacitação. Dessa maneira, um novo estudo deveria ser realizado com o intuito de encontrar a melhor forma para que esses profissionais tenham constância no treinamento, aplicando uma nova abordagem da reciclagem e manutenção do conhecimento. Podendo assim, acrescentar na cultura de atendimento a desastres, padrões adotados mundialmente pela INSARAG e outras instituições de gerenciamento em desastres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Eraldo Carlos. MATOS, Luís Alberto Lourenço. NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**. Blumenau, v.11, n.3, p.23-38, TRI III, 2017. ISSN 1980-7031.

BOLES, Ramon Magevski. **Estudo dos Procedimentos de Mobilização de Esforços Especializados do CBMES na Busca e Salvamento em Desastres**. 2020. Monografia de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão. Proteção e Defesa Civil) - Fundação João Pinheiro. Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho, Belo

Horizonte, MG, 2020. Disponível em: <http://monografias.fjp.mg.gov.br/handle/123456789/2760>. Acesso em: 05 jun. 2022.

BONI, Valdete, QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. v.2, n. 1(3), p.68-80, jan./jul. 2005.

BRASIL. Decreto nº 10.593, de 24 de dezembro de 2020. Dispõe sobre a organização e o funcionamento do Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil e do Conselho Nacional de Proteção e Defesa Civil e sobre o Plano Nacional de Proteção e Defesa Civil e o Sistema Nacional de Informações sobre Desastre. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo. Brasília, DF, 28 dez. 2020. p. 10. Disponível: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/d10593.htm. Acesso em: 20 ago. 2022.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Regional. Gabinete do Ministro. Portaria nº 260, de 02 de fevereiro de 2022. Estabelece procedimentos e critérios para o reconhecimento federal e para a declaração de situação de emergência ou estado de calamidade pública pelos Municípios, Estados e Distrito Federal. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 04 fev. 2022. Edição 25. Seção 1, p.21. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-260-de-2-de-fevereiro-de-2022-378040321> Acesso em: 20 ago. 2022.

BRASIL. Secretaria Nacional de Segurança Pública. **Perfil dos cargos das instituições estaduais de segurança pública**: estudo profissiográfico e mapeamento de competências. Programa Nacional de Desenvolvimento para as Nações Unidas (PNUD). Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Segurança Pública. 2012. 71 p.: il. Disponível: <https://www.mppa.mp.br/arquivos/CAOPCEAP/Profissiografia.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2022.

CORPO DE BOMBEIROS DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Manual de Salvamento em Enchentes**. 1 ed. vol. 10. São Paulo, SP, 2006. 43 p.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE GOIÁS. **Manual Operacional de Bombeiros**: Sistema de Comando de Incidentes. Goiânia, GO, 2017. 85 p.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE MINAS GERAIS. **Manual BREC**. 1 ed. Minas Gerais, MG, 2017. 168 p.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO DISTRITO FEDERAL. **Manual de Sistema de Comando de Incidentes**. Distrito Federal, DF, 2011. 147 p.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, **Boletim da SEDEC/CBMERJ nº 058**, de 29 de março de 2019. Rio de Janeiro: CBMERJ, 2019. p.39.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, **Boletim da SEDEC/CBMERJ nº 062**, de 04 de abril de 2019. Rio de Janeiro: CBMERJ, 2019. p.16.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, **Boletim da SEDEC/CBMERJ nº 079**, de 03 de maio de 2019. Rio de Janeiro: CBMERJ, 2019. p.23.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, **Boletim da SEDEC/CBMERJ nº 100**, de 03 de junho de 2019. Rio de Janeiro: CBMERJ, 2019. p.11.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, **Boletim da SEDEC/CBMERJ nº 141**, de 02 de agosto de 2019. Rio de Janeiro: CBMERJ, 2019. Anexo I. p. 15.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, **Boletim da SEDEC/CBMERJ nº 162**, de 02 de setembro de 2019. Rio de Janeiro: CBMERJ, 2019. Anexo V. p. 14.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Boletim da SEDEC/CBMERJ nº 184**, de 02 de outubro de 2019. Rio de Janeiro: CBMERJ. 2019.p.11.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, **Boletim da SEDEC/CBMERJ nº 036**, de 02 de março de 2020. Rio de Janeiro: CBMERJ. 2020. p.16.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Boletim da SEDEC/CBMERJ nº 048**, de 19 de março de 2020. Rio de Janeiro: CBMERJ. 2020. p.34.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Manual Básico de Bombeiro Militar: Tecnologia e Maneabilidade em Incêndios**. 1 ed. Rio de Janeiro, RJ, 2017.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Manual de Operações de Salvamento em Desastre**. Rio de Janeiro, RJ, 2020. (NO PRELO)

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Procedimento Operacional Padrão: Deslizamento de Terra**. Rio de Janeiro, RJ, 2013.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Procedimento Operacional Padrão: Resgate em Estruturas Colapsadas**. nº 12. Rio de Janeiro, RJ, 2012.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Procedimento Operacional Padrão: Salvamento em Alagamentos**. nº 03. Rio de Janeiro, RJ, 2013.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Procedimento Operacional Padrão: Sistema de Comando e Controle Operacional**. nº 11. Rio de Janeiro, RJ, 2013.

OCHA. INSARAG: 30 years of Urban Search and Rescue. *In: United Nations OCHA*. Disponível em: <https://unocha.exposure.co/insarag-1>. Acesso em: 14 nov. 2021.

LIMA, F.S. FARAH, L.C., LEIRAS, A., GONCALVES, M. B. A. Atuação dos Bombeiros na Resposta ao Desastre do Rompimento da Barragem em Mariana: Uma Análise dos Fatores Críticos de Sucesso. *In: XXXVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO*. 10 a 13 de outubro de 2017. **Anais [..]** Joinville, SC: ABEPRO, 2017. Disponível em: https://abepro.org.br/biblioteca/TN_WPG_238_379_33913.pdf. Acesso em: 05 jun. 2022.

LIMA, Márcia, ALONSO, Ângela, ALMEIDA, Ronaldo. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Quantitativo**. São Paulo: Sesc São Paulo/CEBRAP, 2016. p.24-39.

RIO DE JANEIRO. Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro. Lei nº 250, de 02 de julho de 1979. Dispõe sobre a organização básica do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, RJ, 03 jul. 1979. Disponível em: <https://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/150341/lei-250-79>. Acesso em: 21 jun. 2022.

RIO DE JANEIRO. Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro. Lei nº 599, de 09 de novembro de 1982. Dispõe sobre o ensino de bombeiro-militar no Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: <https://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/150044/lei-599-82>. Acesso em: 21 de junho. 2022.

SECRETARIA DE ESTADO DE DEFESA CIVIL/RIO DE JANEIRO. Superintendência Operacional. *In: Superintendência Operacional*. Disponível em: <http://defesacivil.rj.gov.br/suop>. Acesso em: 25 jun. 2022.